

Comentários Adicionais

ROBERT E. BALDWIN

De uma maneira geral, a diferença entre os pontos de vista do Prof. VINER e os meus, no que diz respeito ao problema da relação de trocas, parece basear-se no fato de que êle tem ainda menos confiança do que eu nas estatísticas disponíveis. Estou disposto, mais do que êle, a aceitar os dados relativos ao *trend* dos preços de exportação e importação na Grã-Bretanha, entre 1880 e 1913. Desejo mencionar, a êsse respeito, o estudo de SILVERMAN (1) relativamente a êsse período. Tenho a impressão de que êsse estudo foi feito com bastante cuidado, de maneira que não está sujeito a algumas das objeções feitas por VINER e merece consideração muito séria. É verdade, todavia, que essas cifras não incluem um item muito importante da exportação britânica, a saber: serviços de navegação. Tão pouco se pode negar que êsses dados não levam em consideração a qualidade dos produtos exportados e importados. Essas são as razões específicas pelas quais ponho em dúvida a alegada piora da relação de trocas dos países menos desenvolvidos, que teria acontecido no período acima referido. Certamente uma investigação cuidadosa das relações de trocas de todos os principais países, por uma organização como o "National Bureau of Economic Research", é indispensável para se chegar a conclusões mais precisas.

O chamado paradoxo do Prof. VINER, i. e., a melhora ou piora simultânea das relações de trocas para todos os países, indica a necessidade de se incluir a navegação e outros serviços nas esta-

(1) Sendo a média de 1890 até 1910 igual a 100, a relação dos preços de importação aos preços de exportação é a seguinte: 1880 até 1884 — 114; 1885 até 1889 — 109; 1890 até 1894 — 102; 1895 até 1899 — 102; 1900 até 1904 — 97; 1905 até 1909 — 101; 1910 até 1913 — 101.

tísticas das relações de trocas. Naturalmente, se duas nações não têm navegação própria, a respectiva relação de trocas pode melhorar simultaneamente para ambas, o que se daria às custas do terceiro país fornecedor dos serviços de navegação.

O Prof. VINER tem igualmente dúvidas relativamente às estatísticas que mostraram as tendências da procura e oferta dos produtos dos países desenvolvidos e menos desenvolvidos, durante esse período. Embora não seja possível ter confiança muito grande nos dados, inclino-me a admitir que as condições operantes do lado da oferta dos últimos 75 anos, tenham reduzido os custos dos produtos manufaturados relativamente aos custos dos produtos agrícolas, ao passo que as forças operantes do lado da procura têm aumentado os preços dos produtos manufaturados relativamente aos agrícolas. Existem muitos estudos de elasticidade-renda dos gêneros alimentícios, através do tempo, bem como entre diversas classes de população ao mesmo tempo (2). Evidentemente não se pode esperar que os dois tipos de estudo dêem os mesmos resultados; de fato, porém, ambos indicam com bastante clareza que a elasticidade-renda média dos gêneros alimentícios em geral, foi menor do que a unidade nos países industriais, pelo menos durante os últimos 50 anos (3). Essa cifra baixa parece aplicar-se também às exportações agrícolas como um todo, enviadas pelos países menos desenvolvidos às nações industriais.

Naturalmente, as elasticidades-renda foram estimadas relacionando-se a renda real total, às compras totais, em termos reais, de determinada classe de itens, por exemplo, gêneros alimentícios; ou ainda relacionados a renda real total com quantidades físicas de determinado item específico; ou ainda, às vezes, relacionando-se a renda monetária total ao total das compras de determinado grupo de mercadorias em termos monetários. Não há dúvida de que os dois primeiros métodos são preferíveis. Concordaria em

(2) T. W. SCHULTZ em "Agriculture in an Unstable Economy". New York, 1945, faz o resumo de alguns dos estudos no capítulo III.

(3) SCHULTZ menciona os documentos relativos aos Estados Unidos. Em 1870 a renda *per capita* (em termos de preços de 1925 até 1934) era de 311 dólares, ao passo que as despesas internas com produtos agrícolas (em termos dos mesmos preços) foram de 106 dólares. Em 1900 a relação era de 431 dólares para 95 dólares; 1910 — 574 dólares e 109 dólares; 1922 (em termos de preços de 1929) 553 dólares e 89 dólares; e em 1939 — 673 dólares e 78 dólares.

que as elasticidades-renda de vestuário, as quais calculei com base em dados monetários, não são muito seguras.

Não se deveria concluir que a tendência que foi observada nas compras de gêneros, como percentagem da renda *per capita* representa uma lei inevitável que continuará no futuro. Modificações nas variáveis mencionadas pelo Prof. VINER são relevantes dêsse ponto de vista. Mas a tendência acima referida parece ter prevalecido no período em aprêço, apesar de uma numerosa modificação nas variáveis. Acredito que a mesma tendência prevalecerá também no futuro, mas não estamos tratando do futuro em meu estudo.

Não posso aceitar o argumento do Prof. PREBISCH de que a determinação dos salários por intermédio de negociações coletivas, em que concordaram os países industriais e que leva à rigidez dos salários em épocas de depressão impede os compradores nos países menos desenvolvidos de participarem dos benefícios do progresso tecnológico. A longo prazo, não acredito que o nível dos salários monetários possa influenciar sensivelmente os grupos de procura recíproca das nações que participam do comércio internacional. Não acredito que êsses grupos se desloquem de maneira parecida ao que aconteceria, caso fôssem instituídas novas tarifas alfandegárias. Quanto à questão monetária do lado da produção, concordo com o Prof. VINER em que não há bastante informação para se chegar a uma conclusão segura quanto à maneira pela qual êsse fator tem agido nos últimos 75 anos.

Nós ambos argumentamos que se tenha grande cuidado ao basear medidas de política econômica no argumento da relação de trocas. É simplesmente impossível concluir de maneira segura pela existência da piora da relação de trocas dos países menos desenvolvidos nos últimos 75 anos. Além disso, o conceito da relação de trocas, como medida de vantagem, decorrente do comércio internacional é fundamentalmente errada. Nenhuma das numerosas fórmulas estatísticas que têm sido propostas podem indicar com segurança até mesmo a direção da modificação no bem-estar (4). Além dessas dificuldades usuais encontradas no que diz respeito a medidas de bem-estar, essas medidas são pouco

(4) Uma discussão das diversas medidas e das limitações encontradas em VINER, "Studies in the Theory of International Trade", New York, 1937 — capítulo 9, seção III. ●

seguras porque tencionam isolar os efeitos do comércio internacional que se baseia na economia como um todo. Isso é admissível somente em condições muito especiais. A utilização dessas cifras para medir modificações ocorridas durante períodos longos é especialmente pouco segura.

FURTHER COMMENTS

In general, the differences between Professor VINER and myself on the terms of trade question seem to stem from his even greater suspicion with respect to the available statistics. I am more willing to accept the evidence on the trend in British export and import prices from 1880-1913. I should like to draw attention to the study by SILVERMAN on this period. This study, it seems to me, was made with sufficient care to meet many of Professor VINER's objections and warrents rather serious consideration (1). However, even if the figures show the actual trend in the commodity terms of trade, they do not include a major export of the United Kingdom, namely, shipping services, and they do not reflect qualitative changes. These are the particular grounds on which I am questioning the alleged deterioration in the trading terms of underdeveloped countries during this time. But certainly a painstaking investigation into the trading terms of all the major countries by an organization such as the National Bureau of Economic Research is needed before any very definite conclusions can be reached on the matter.

Professor VINER's so-called "paradox" about the terms of trade improving or worsening simultaneously for everyone points up the necessity for including shipping and other services in the statistical measure. Then such a result could not occur. Naturally, if two nations do not engage in shipping, their trading terms can simultaneously improve simply because it happens at the expense of a third party.

Professor VINER also is very dubious about the statistics purporting to show the tendencies on the demand and supply sides

(1) A. C. SILVERMAN, "The International Trade of Great Britain, 1880-1913", Theses, Harvard University Library. With 1890 to 1910 = 100, the ratios of import to export prices are as follows: 1880-1884 = 114; 1885-1889 = 109; 1890-1894 = 102; 1895-1899 = 102; 1900-1904 = 97; 1905-1909 = 101; 1910-1913 = 101. ●

of the commodities produced by developed and underdeveloped nations during this time. Again although great faith cannot be placed on the data, I am inclined to surmise that the supply forces operating over the last 75 years have tended to reduce the costs of manufactures relative to agricultural costs, while the demand factors have worked to increase the price of manufactures relative to agricultural commodities. There have been many studies of the income elasticity of food over time and especially among the different income groups at a given time (2). Although one would not expect the two types of studies to yield exactly the same results, they both rather strongly suggest that average per capita income elasticities for food as a whole were less than unit in the industrial countries over at least the last 50 years (3). This low figure also seems to have applied to the agricultural exports as a whole of the underdeveloped countries to the industrial nations.

Income elasticities have, of course, been estimated by relating total real income to total purchases in real terms of a class of items, e. g. food, total real income to physical quantities of a particular item, or sometimes total money income to total money purchases of the group of commodities. The first two methods are obviously better. I would agree that the income elasticities on clothing, for which I found data over time only in current prices, are not very conclusive.

It should not be concluded that the observed trend in food purchases as a percentage of per capita income represents an inevitable law which will continue into the future. Changes in the variables which Professor VINER mentions are relevant for this question. But it appears to have held over the period studied despite many changes in these variables. I rather suspect it will also operate in the future, but I was not dealing with the future in my paper.

I do not accept Professor PREBISCH's argument that settlement of wage bargains by collective bargaining in industrial countries

(2) T. W. SCHULTZ in "Agriculture in an Unstable Economy", New York, 1945, summarizes some of the studies in Chp. III.

(3) SCHULTZ gives the following data for the U. S. In 1870 per capita national income in 1925-34 prices was \$311, while domestic expenditures on farm products in terms of the same prices were \$106. In 1900 the relation was \$431 to \$95; 1910 — \$574 to \$109; 1922 (both in 1929 prices) \$553 to \$89 and 1939 — \$673 to \$78. ●

(and the resulting wage rigidity in depression periods) operates to prevent the buyers in underdeveloped countries from sharing in the benefits of technological progress. Over the long run I do not believe the level of money wages determined by these contracts will influence to any great extent the reciprocal demand curves of the trading nations. I do not believe these curves will be shifted in a manner similar to that which would occur if tariffs were imposed. As for monopoly on the product side, I agree with Professor Viner that there is not enough information to reach positive conclusions as to the way this factor has operated over the last 75 years.

We both concur in cautioning against policy measures based on the terms of trade argument. A worsening trend in the trading terms over the last 75 years of underdeveloped countries simply cannot be established conclusively from the meager data. Furthermore, the concept of the terms of trade as a measure of the gain from trade is fundamentally unsound. None of the many statistical formulae, which have been proposed, are capable of always indicating even the direction of the change in welfare (4). Besides the usual difficulties of welfare economics, these measures are handicapped by attempting to isolate the effects of international trade from the total activities of the economy. This is sound only under very unreal assumptions. Utilization of these figures over long periods of time is particularly open to this criticism.

COMMENTAIRES

En général, la différence entre le Professeur VINER et moi-même, sur la question des taux d'échange, semble prendre son origine dans les réserves même plus marquées qui fait le professeur Viner quant aux statistiques disponibles.

J'accepte le trend dans les prix d'exportation et d'importation de la Grande Bretagne, de 1890 à 1913. Je voudrais aussi attirer l'attention sur l'étude de SILVERMAN, se référant à cette

(4) For a discussion of the various measures and their limitations see VINER's, "Studies in the Theory of International Trade", New York, 1937, Chap. 9, Section III.

●

période. Il me semble que cette étude a été faite avec beaucoup de prudence. Même si ses données nous montrent le trend réel des taux d'échange des produits, elles ne tiennent pas compte d'une exportation importante du Royaume Uni, c. a. d. les services du transport maritime. Ainsi ses données ne reflètent pas des changements qualitatifs. C'est par cette raison que je suis en doute sur la détérioration des taux d'échange des pays sous-développés, durant cette période.

D'autre part, il est certain qu'il nous faut plus d'investigations sur les taux d'échange de tous les pays importants, par une organization comme le National Bureau of Economic Research, avant de tirer des conclusions définitives à ce sujet.

Le paradoxe de VINER, concernant le fait que le taux d'échange améliore ou détériore simultanément pour tout le monde, indique la nécessité d'inclure le transport maritime et autres services dans les mesures statistiques.

Ceci éviterait le paradoxe mentionné.

Naturellement si deux nations ne font pas de transport maritime, leur taux d'échange peut améliorer, simplement parce que cette amélioration se fait au détriment d'une troisième partie.

Le Professeur VINER aussi doute des statistiques tachant de montrer les tendances de l'offre et de la demande des produits originant dans les pays développés et sous-développés de cette période. Quoique les données ne soient pas très bonnes, je pense que l'on pourrait dire que les forces de l'offre dans les derniers 75 ans ont contribué à réduire le coût des manufactures en relation au coût des produits agricoles. Tandis que les facteurs de la demande ont contribué à faire monter le prix des manufactures en relation aux produits agricoles.

On a fait beaucoup d'études sur l'élasticité (en fonction du revenu) de la demande pour la nourriture dans le temps et, surtout, parmi des différents groupes de revenu à un moment donné.

Quoique l'on ne pourrait pas s'attendre à ce que les deux types d'étude nous donnent les mêmes résultats, elles nous indiquent plutôt clairement que l'élasticité moyenne de la demande (en fonction du revenu) pour la nourriture, prise dans son ensemble, est moins que l'unité dans les centres industriels, pendant les derniers 50 ans.

•

Ces chiffres bas paraît aussi s'appliquer aux exportations agricoles, prises dans leur ensemble, des pays sous-développés aux pays industrialisés.

Les élasticités (en fonction du revenu) ont été estimées naturellement par la relation entre revenu total réel et les achats totaux en termes réels de certaines classes de biens, (par exemple: nourriture), par la relation entre revenu total réel et les quantités physiques d'un bien, ou parfois par la relation entre le revenu monétaire total et les achats totaux nominaux d'un groupe de produits.

Il est clair que les deux premières méthodes sont les meilleures. Je suis d'accord que les élasticités (en fonction du revenu) de la demande pour vêtements, seulement disponibles en prix courants, ne sont pas très convaincantes.

On ne pourrait pas conclure que le trend observé dans les achats des nourritures, exprimés en pourcentage du revenu par tête, représente une loi inévitable qui continuera dans l'avenir. Les changements dans les variables, mentionnés par le Professeur VINER, sont importants dans cette question.

Mais il paraît que ce trend a été maintenu pendant la période étudiée, nonobstant beaucoup de changement dans ces variables. Je pense aussi que les trends se maintiendront pendant l'avenir, mais, dans mon étude, je n'ai pas considéré l'avenir.

Je n'accepte pas l'argument du professeur PREBISCH que la solution des problèmes du salaire, par négociation collective dans le pays industrialisés (et la rigidité des salaires qui en résulte dans des périodes de dépression) ont retenu les acheteurs, dans les pays sous-développés, de participer aux bénéfices du progrès technologique.

Dans la période longue, je ne pense pas que le trends des salaires nominaux, déterminé par ces contracts, influence grandement les courbes de demandes réciproques entre les nations, ni que ces courbes se changeront autant que dans le cas que l'on introduit les droits d'importation.

Quant aux monopoles du côté de la production, je suis d'accord avec le Professeur VINER, à dire que nous ne disposons pas d'informations suffisantes afin de tirer des conclusions positives sur l'influence de ces facteurs dans les derniers 75 ans.

Nous sommes d'accord à conseiller de ne pas adoter des mesures basées sur le taux d'échange. Il est impossible de dire définitivement à la base des données très pauvres, dont nous disposons, si le taux d'échange dans les derniers 75 ans, se sont détériorés dans les pays sous-développés. Aussi le concept des taux d'échange comme mesure des gains obtenus du commerce international est fondamentalement erroné.

Aucune formule statistique que l'on a proposé, est capable d'indiquer toujours la direction des changements du bien-être. À part des difficultés usuelles d'économie du bien-être, ces mesures sont handicapées par l'isolation de l'effet du commerce international des activités totales de l'économie. C'est seulement dans les hypothèses très irréelles que l'on pourrait faire cela.

Surtout l'emploi de ces données, pour une période longue, est sujet à critiques sévères.